



e1980-4180 — p1808-589X

ROLAND BARTHES INCLASSIFICÁVEL OU UMA BIOGRAFIA INTELECTUAL

Rodrigo Costa Araujo

Mestre em Ciência da Arte (Universidade Federal Fluminense)

<https://orcid.org/0000-0003-0962-535X>

E-mail: profrodrigopuc@hotmail.com

Recebido em: 10 outubro de 2021
Aprovado em: 20 novembro de 2021



SAMOYAUULT, Tiphaine. *Roland Barthes: biografia*. Tradução de Sandra Nitrini e Regina Salgado Campos. São Paulo. Editora 34. 2021. 616 p.

Qualquer pretensão a uma conclusão abrangente sobre a vida/biografia e produção crítica de Roland Barthes (1915-1980) está inapelavelmente fadada ao insucesso. Consciente dessa limitação, Tiphaine Samoyault em *Roland Barthes: biografia* (2021), lançado recentemente pela Editora 34, trata da história da vida do crítico dando substância e coerência à sua trajetória, movida pelo desejo, pelo discernimento e pela extrema sensibilidade as questões do mundo. Ao que se pode acrescentar uma significativa relutância a qualquer discurso de autoridade.

Roland Barthes: biografia, de Tiphaine Samoyault é a terceira biografia dedicada a Barthes, na França. A primeira, em 1990, foi dirigida por Louis-Jean Calvet e se baseou em diversos depoimentos de primeira mão, tanto no âmbito familiar quanto no intelectual. A segunda, escrita por Marie Gil e editada em 2012, foram acionados livros de memória pessoal, como o de Roland Barthes, de Patrick Mauriès (1992) e a terceira, uma combinação de lembrança e ensaio que Éric Marty captou em *Roland Barthes, o ofício de escrever* (2006). Juntam-se para esse recorte biográfico, inúmeros estudos críticos de Philippe Roger, Susan Sontag ou Bernard Comment e das estudiosas brasileiras Leyla Perrone Moisés e Leda Tenório da Motta. Nesse mosaico caleidoscópico, entra ainda a autoficção que o próprio crítico-escritor ofereceu em 1975 (*Roland Barthes par Roland Barthes* oferece registros de memórias fragmentárias, organizadas em ordem alfabética por assunto).

De um prólogo e das dezoito rubricas que compõem suntuoso volume de 616 páginas, Tiphaine Samoyault mostra Barthes em diferentes ângulos e pluralidades, e lança luz sobre aspectos e episódios diversos. Os recortes vão desde de sua paixão pela tragédia grega na juventude e sua participação ativa como ator em um grupo teatral, até sua obsessão por dietas; desde sua breve, mas intensa passagem pela Romênia, como professor e bibliotecário no Instituto Francês de Bucareste, até o ano em passou no Egito,

em Alexandria (1949-50), onde conheceu o linguista russo Algirdas Greimas, que lhe apresentou a obra de Saussure, Hjelmslev e Merleau-Ponty; do gosto pela pintura nos anos 70 à experiência como ator. Para isso, a biógrafa e também escritora, teve acesso a inúmeros materiais inéditos, como todas as correspondências e manuscritos e, sobretudo, o arquivo pessoal de Barthes.

O primeiro gesto biográfico da obra inicia-se com um prólogo intitulado *A morte de Roland Barthes* como se para desconstruir, imediatamente, este episódio mítico. O recorte e escolha estratégica, além de desconstruírem e inverterem a trajetória do biografado, é uma alusão ao clássico ensaio *A Morte do autor* - que se dirige não ao indivíduo, mas a figura de um governante do texto, quem ordenaria cada elemento, anunciado pelo crítico esteta em 1967. Desfaz-se assim, a interpretação popular que deu a esta vida uma lenda, tornando-a um acidente de necessidade trágica, o que pelo viés acadêmico são desmistificadas as causas com um relato exato e detalhado desta morte, que combinam o acidente e com um estado fragilizado de saúde de Barthes.

Os capítulos mais significativos do livro de Samoyault são as rubricas ou longas seções que apresentam as relações ou proximidades de Barthes com seus pares e outros atores da intelectualidade francesa da época. De Camus a Foucault, passando por Lucien Goldmann, Sartre, Jaques Derridá, Edgar Morin ou Lévi-Strauss, entre muitos outros. Tudo isso sem desconsiderar os seus laços, pelo menos variáveis como o chamado *nouveau roman* - movimento do qual costuma resgatar, sobretudo, Claude Simon -, a sua resistência a esse slogan, o de um novo romance, que a seu ver “reúne todos os ingredientes de uma manobra estratégica”, como se lê na biografia. A vida, a obra e os recortes confirmam surpreendentemente, logo em primeira instância seus leitores, por sua variedade, sua abertura e sua atenção a quase todos os assuntos. Debruçando-se sobre os mais diversos objetos (Barthes parece falar sobre tudo: de Sade e de Beethoven, da moda e da pintura, de Racine e do bife com batatas fritas) e utilizando-se das mais variadas metodologias, integrando diversos contornos ideológicos (parceiro do marxismo no seu começo - por força da introdução na França das teorias e dos textos de Brecht -, tornou-se ainda

defensor de um certo formalismo que nascia com Robbe-Grillet e o *Nouveau roman* e de um certo hedonismo reabilitando, em termos estéticos, o valor da noção de prazer), sua obra parece como uma série de blocos distintos, até mesmos contraditórios, tornando-se uma tarefa difícil, em uma primeira leitura, localizar um denominador comum.

Crítico de uma obra altamente teórica e eminentemente pessoal, o semiólogo e leitor de atitudes/discursos sociais com suas mitologias subjacentes, crítico de arte, de teatro, de literatura, da moda e pensador incomum da fotografia - ensaísta por excelência e que por isso mesmo conferiu e consagrou a esse gênero certa modernidade literária - Roland Barthes é o inventor de uma escrita em primeira pessoa. Sua escritura rasura e se constroi entre o reflexivo e o autobiográfico que continua a alimentar uma produção fortemente literária contemporânea. Suas influências, se mantêm, portanto, pautadas em duas matrizes fortes que se desenvolvem a partir de *Mitologias* e *Sistema da Moda* (p.294).

A essas duas vertentes, Samoyault chama de “lucidez metacrítica” e “melancolia do pesquisador”. A primeira é, segundo ela “uma maneira de tomar o programa pelo avesso”, já na segunda vertente, o pesquisador “não se isenta da história e pode encontrar o tempo” (2011, p. 295). É justamente a presença do autor em sua obra, que Barthes se mostra ser “consciente dos riscos de falsa distância”. Nesse caso, tal como os mitos, definidos nas *Mitologias*, são sistemas de sentidos segundos, assim também a moda, em o *Sistema da Moda*, é abordada, não no seu nível de denotação - a prática de vestimentas como tal - mas a partir da linguagem de conotação que ela desenvolve, a legenda da revista de moda como uma expressão segunda, uma articulação dos sentidos do sistema primeiro.

Pelas inúmeras leituras e composições de Tiphaine Samoyault, a voz de Barthes permanece ao fundo. Ela, de alguma forma, orienta, organiza, lidera esta vasta operação de descoberta, alguma síntese hábil e delicada para os recortes, as recolhidas e escolhas feitas para traçarem um perfil. Pois para compor esse mo-

saico delicado, a biógrafa precisou de uma enorme e considerável abundância de textos e documentos convocados para compreenderem os contextos da época, citações de livros críticos e teóricos; o exame inesgotável e criterioso das correspondências. Somente assim, constata-se, pela escrita de Samoyault, que surge uma proposta de leitura da vida gentil e, ao mesmo tempo, afirmativa e discreta, com clareza atenta à transmissão, com delicado esforço para relacionar os materiais espalhados.

De acordo com a escritora Paloma Vidal, no paratexto inicial da capa da obra, texto de apresentação, o pensamento do crítico francês é fundamental para se compreender o século XX. Na narrativa, a vida do filósofo que se dedicou ao estudo de mitos, linguagens, criadores e obras se confunde com seu próprio tempo - do qual foi uma espécie de filho e criador. Aos seus olhos o “trabalho de exame e de reflexão minucioso, este livro nunca se exime de explicar, esclarecer, desambiguar, posicionando-se em relação aos pontos cegos desta vida, às polêmicas, aos dilemas, às ambivalências na teoria, na política, no amor”, conduz Vidal, nessa primeira apresentação ao leitor.

Assim, pelas dezoito rubricas apresentadas por Tiphaine Samoyault, nesta obra, percebe-se uma homenagem inteligente e fiel ao autor de *o prazer do texto*. Sem imitar a sua frase, a biógrafa, de posse do olhar arguto e destemido de Barthes vai apresentado uma vida e uma obra através de sendas iluminadas pela escrita e pela paixão da Literatura e das artes. Assim, a vida vai surgindo pela lição “final”, a obra vai sugerindo a aprendizagem “definitiva”.

Das delicadas lições essenciais e semiológicas de Barthes, ficam pelas palavras de Samoyault, que o mais enigmático da vida é pensar o traço de uma presença tecida na discrição. Ou mesmo, o sentido de uma produção literária sem alardes; o timbre de uma escritura cujo perfil pronunciava-se quase aos sussurros, como que assustada frente à própria provocação que suscitava com sua obra ou descoberta. Aprendendo suas lições pela vida, a biógrafa ensina o leitor a aprender pelos aspectos do biografado.

A riqueza de ideais e conceitos que abrigam no discurso do crítico Roland Barthes permite ao leitor de *Roland Barthes: biografia*, de Tiphaine Samoyault percorrer e rever o universo bar-

thesiano. Íntima do prazer do texto, a biógrafa aponta os sinais reveladores da vida e da obra indicando a profusão de caminhos que podem ser percorridos. Esta obra é um resumo de toda a sua trajetória produtiva, das preocupações, das permanências e paixões apregoadas pelo eminente crítico-escritor.

REFERÊNCIA:

BARTHES, Roland. *Sobre Racine*. Porto Alegre: L&PM, 1987.